

ALBERTO CAEIRO: O HOMEM E O POETA

Fernando Medeiros GOMES (G-UFGA)

Orientadora: Sandra Maria JOB (UFGA)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre um dos heterônimos de Fernando Pessoa, o Alberto Caeiro. O intuito é identificar quem é o homem Alberto Caeiro e, a partir de um excerto do poema “O guardador de rebanho”, traçar quem é o poeta Alberto Caeiro – o que pensa, o que escreve. Para isso, partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico que contou com o respaldo teórico de Moisés (1988). A análise permitiu comprovar, entre outros aspectos, o quanto Caeiro se inspirava nas coisas simples do viver cotidiano em que se encontrava.

Palavras-chave: Heterônimo. Fernando Pessoa. Alberto Caeiro.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre um dos heterônimos de Fernando Pessoa, o Alberto Caeiro. O intuito é identificar quem é o homem Alberto Caeiro e, a partir de um excerto do poema “O guardador de rebanho”, traçar quem é o poeta Alberto Caeiro – o que pensa, o que escreve. Para isso, partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico que contou com o respaldo teórico de Moisés (1988).

Análise semântica do heterônimo Alberto Caeiro

De acordo com Massaud Moisés, o Modernismo português passou por algumas fases no início, dentre elas o Orfismo, que é visto como o primeiro Modernismo, onde tratava de assuntos político-sociais da primeira República (MOISÉS, 1988).

Primeiro Modernismo português (o Orfismo¹) está associado à profunda instabilidade político-social da primeira República. Constitui uma resposta artística de setores sociais mais inovadores e cosmopolitas das classes médias citadinas. O progressismo dessas forças sociais que serviram de base política para a República, entretanto, foi bastante ambíguo (MOISÉS, 1988.p. 133).

Porém, após as primeiras nomeações que intitulavam o Modernismo, nota-se que o modo de contrapor as formas artísticas eram feitas “as três porradas”, ou seja, se baseavam pelo lado religioso que, tinha ligações com o misticismo e decadentismo-simbolismo (MOISÉS, 1988).

Os modernistas portugueses não possuíam um programa estético-literário: pretendiam mais derrubar as formas artísticas convencionais pelo escândalo.

¹ Orfismo - Foi o primeiro Modernismo português e está associado à profunda instabilidade político-social da primeira República. Constitui uma resposta artística de setores mais inovadores e cosmopolitas das classes médias citadinas (MOISÉS, 1988. p. 138).

GOMES, Fernando Medeiros. Alberto Caeiro: o homem e o poeta. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFGA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

Também sobre esse aspecto não conseguiram ser radicais por impossibilidade ideológica. Continuavam ainda impregnados de uma religiosidade esotérica proveniente do misticismo do decadentismo-simbolismo (MOISÉS, 1988, p. 135).

Independente dos aspectos que caracterizam o Modernismo português, o fato é que nele vários autores se destacaram como, por exemplo, Fernando Pessoa. Ele optou por levar uma rotina solitária, instigando o leitor a desvendar de diversas formas o que escreve em suas obras (MOISÉS, 2008).

Fernando Pessoa é dos casos mais complexos e estranhos, senão único dentro da Literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que só o futuro virá compreendê-lo e julgá-lo como merece. Por ora, mal decorridos alguns decênios após sua morte, é ainda muito cedo para aquilatar-lhe toda a importância, o significado da obra que escreveu e a influência exercida, não só enquanto viveu, como também depois de morto. (MOISÉS, 2008, p. 330)

Contudo, já é reconhecido que um dos fenômenos mais admirados dentro da literatura portuguesa é a criação dos heterônimos de Fernando Pessoa. A criação dos mesmos por Pessoa se dá por meio das características que cada heterônimo possui (SEGOLIN, 1992).

Longe de serem apenas indícios e reflexões de um comportamento despersonalizante que a psicanálise ou a hora explicariam – são antes produtos de um comportamento textual, onde a presença de um sujeito pleno, própria dos discursos ideologicamente bem-comportados, é posta em xeque. Em decorrência, a poesia pessoana define-se como um texto que se confronta com o signo ideológico e sua maneira de ser signo, contestando seu caráter sagrado, imutável, de signo portador de sentido de verdades inabaláveis. (SEGOLIN, 1992, p. 33).

São vários os heterônimos, dentre eles temos o Alberto Caeiro, heterônimo de forte personalidade e ao qual o autor tem como um mestre, pois “Alberto Caeiro foi, como admitiu muitas vezes Fernando Pessoa, um dos seus heterônimos que mais gostava e admirava”

Foi criado quando um dia Fernando Pessoa se lembrou de fazer uma partida ao seu confidente, o escritor Mário de Sá-Carneiro, mandando-lhe um poema e dizendo que era de um suposto amigo seu. Quando finalmente pôs a descoberto a mentira disse-lhe por carta: “Quis inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta, mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — aproximei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia mais triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, “O Guardador de Rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpa-me o absurdo

da frase: “aparecera em mim o meu mestre”, mas foi essa a sensação imediata que tive.²

Para Segolin, Fernando Pessoa ao criar Alberto Caeiro fez uma descrição da personalidade na qual o autor se espelhava, por isso o considerava o pai de seus heterônimos (SEGOLIN, 1992).

Caeiro é considerado pelas demais personagens heteronímicas criadas por Pessoa – inclusive pelo orto-heterônimo – como mestre de todas elas. Várias respostas foram e têm sido aventadas para justificar a admiração profunda que os heterônimos revelam para com seu insólito mestre, mas a razão primeira do atributo parece residir no fato de que Caeiro é aquele – dentre os poetas-textos criados por Pessoa – que assume, em sua raiz, o problema da irreversível separação que entre a palavra e o mundo, entre o verbo e o homem se estabeleceu, determinando a impossibilidade total de conhecimento direto da realidade (SEGOLIN, 1992. p. 35).

Caeiro não admitia opiniões de acontecimentos futuro ou passado, para ele os fatos tinham que ser presenças, acerca de razões que o fizesse concordar e sentir o momento (SEGOLIN, 1992).

Caeiro é o heterônimo pessoano que mais explicitamente propõe a libertação da poesia e do poeta da máscara do verbo. É a máscara que rejeita sua própria máscara, que se máscara para negar-se enquanto máscara, que usa a máscara para afirmar a anti-máscara. É a contradição absoluta, é a utopia do zero, do silêncio verbalizado, do silêncio que busca afirmar-se através do signo, do silêncio que se faz signo e, portanto, fala. Caeiro, círculo vicioso: signo que busca o não-signo pelo signo, fala que proclama o silêncio e, por isso, fala e jamais o alcança. (SEGOLIN, 1992. p. 52).

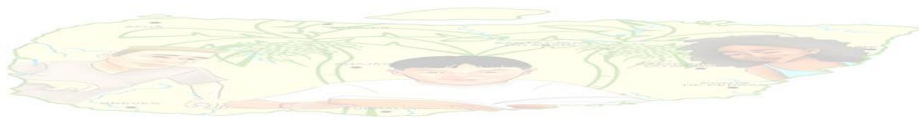
Para Caeiro, o natural era algo simples, sem definição de como se dava o surgimento de determinado algo, o real era a definição da origem, ou seja, o momento prevalecia (SEGOLIN, 1992).

Assim, a poesia natural de Caeiro não se reduz a uma descoberta e exaltação da Natureza, mas é em todos os seus níveis uma proclamação anti-poética, anti-signica, na medida em que nega a capacidade representativa de qualquer manifestação simbólica; anti-humana, na medida em que desistoriciza o homem, considerando-o apenas como mais um componente do mundo natural; e anti-ideológica, com aspirações ideológicas, uma vez que rejeita, por estar inevitavelmente comprometida com um pensamento ou uma língua, qualquer imagem ou concepção individual ou coletiva da realidade. (SEGOLIN, 1992. p. 47).

Após essa breve introdução acerca do heterônimo Alberto Caeiro, mostraremos a partir de agora um excerto do poema “O guardador de rebanhos” e buscaremos fazer uma análise semântica do mesmo e, além disso, quando e se possível, identificar traços da escrita do Caeiro. E ao analisar os principais aspectos que o eu-poético aborda em sua obra, veremos algumas características descritas a partir da estrofe abaixo.

² Texto retirado da “Breve nota sobre a obra”, da obra *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Disponível em: <http://luso-livros.net/>. Acesso em: 04/12/2017.

GOMES, Fernando Medeiros. Alberto Caeiro: o homem e o poeta. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

XVI³

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
 Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
 E que para de onde veio volta depois
 Quase à noitinha pela mesma estrada.
 Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas ...
 A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...
 Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
 E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

Vale ressaltar que, em linhas breves, o eu-poético fala, neste poema, sobre a naturalidade das coisas. Ressalta o seu modo de entender as coisas e destaca que apenas ouvir falar e não ver ou sentir de nada vale. No entanto, retrata o seu modo de vida, sem ter que depender de “segundos”, ao ponto de especificar sua angustia sobre opiniões alheias em que o eu-poético destaca que, “ainda assim, sou alguém...” e, demonstra suas supostas qualidades “ora acertando com o que quero dizer ora errando”. Assim, o eu-poético repassa ao leitor uma formalidade de tomar decisões sem se preocupar com o porquê, quando, como, onde, entre outros.

Com relação a estrofe selecionada para análise, quando o eu-poético diz “ Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois/Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada”, entre outros versos, pode-se entender que eu-poético compara a vida dele com o carro de bois. Ao fazer isso, nota-se dois aspectos, primeiro uma possível característica da escrita do Caeiro, pois o eu-poético se volta para a natureza, que era o seu porto seguro. Natureza, pois entende-se que um carro de bois é utilizado mais no meio rural. Segundo, ao comparar sua vida com um carro de bois, isto é, um objeto que não tem vida própria, faz um trabalho mecânico, e desejar esse tipo de vida para si, o eu-poético, na verdade, refuta os prazeres, as ambições que norteiam e movem os indivíduos das grandes cidades. Ambições, prazeres estes que instigam o indivíduo a lutar todos os dias, a acordar todos os dias, e que, conseqüentemente, acaba levando o indivíduo a sonhar, a ter esperança. Esperança que o eu-poético não quer ter, pois o eu-poético diz que se ele fosse uma roda, ele “ não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas”, ou seja, não teria que viver. Já que para sentir, ter esperança é preciso estar vivo/viver.

Esperança, no contexto do poema, é correr atrás, buscar/sonhar com algo desejado, correr atrás daquilo que se almeja. Em relação ao que o eu-poético ressalta que Caeiro leva um estilo de

³ Como o poema é bastante extenso, optamos por trabalhar apenas com esse excerto, pois é um dos que possibilita ver com certa facilidade as características atribuídas por Pessoa a esse heterônimo dele.
 GOMES, Fernando Medeiros. Alberto Caeiro: o homem e o poeta. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



vida voltado para a natureza, dá-se a entender que as pessoas do campo se contentam com a vida simples, não se preocupam em alcançar algo grandioso e sim, levam sua vida conforme o que o meio rural lhe dispõe, diferente da vida urbana, onde as pessoas vão em busca de algo mais extenso, sendo que as mesmas dispõem de diversas opções de vida, e a luta para chegar na frente faz com que algo simples no contexto campestre, se torne difícil no contexto urbano. Assim, definindo a contextualização de esperança do eu-poético no poema.

Conclusão

Conclui-se, primeiramente, que no excerto selecionado vê-se a mão de um poeta distinto de Fernando Pessoa, pois tem características peculiares a um homem que determinou para si ser, escrever e pensar como um indivíduo a quem se chamou de Alberto Caeiro.

Neste contexto, concluiu-se também que, enquanto um indivíduo com características próprias, principalmente no que diz respeito ao teor da sua escrita, o excerto selecionado traz um eu-poético que supervaloriza a simplicidade das coisas do campo, que acredita que não é preciso ir muito longe para que a vida se torne aconchegante, e o simples fato de viver já é o bastante. Por isso, desejaria que a sua vida fosse assim: simples. Contudo, aparentemente, não é, isto é, o eu-poético não vive como gostaria de viver, muito embora aprecie o tipo de vida que canta e com a qual sonha.

Referências

MOISÉS, Massaud. **História da literatura portuguesa**. [s.l]: [s.e], 1988.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Disponível em: <http://luso-livros.net/>. Acesso em: 04/12/2017.

SEGOLIN, Fernando. Poesia, sensação, heteronímia. In _____. **Fernando Pessoa: Poesia, transgressão, utopia**. São Paulo: Editora Verbo, 1949.